

A mão que dá tira também

Brasília — O equilíbrio entre a redução das despesas e os investimentos sociais, um de cada lado da balança que tem como fiel a filosofia de Governo de Tancredo Neves, é a síntese do pensamento econômico de parlamentares. “A mão que dá, tira também”, adverte o Senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), Líder do Governo no Congresso.

A explicação do Senador paulista expressa a essência do poder ora devolvido ao Legislativo: poder aprovar despesas atrelado ao poder de cortar verbas. Dentro disso, o aspecto fundamental é o controle do orçamento.

A necessidade de compor e controlar o orçamento é opinião unânime de senadores e deputados. Prisco Viana (PDS-BA), Líder da Oposição na Câmara, defende alterações na Constituição que confirmem ao Congresso o poder de elaborar e fiscalizar o orçamento.

A concentração de poder sobre o orçamento nas mãos do Executivo chegou a provocar o descumprimento da lei, num “desrespeito evidente ao Legislativo”, conforme denuncia o Senador Alberto Silva (PMDB-PI). Um projeto do Senador João Calmon (PFL-ES) que destinava um percentual orçamentário para Educação, simplesmente não mereceu rubrica no Orçamento, deixando de ser cumprida, embora fosse lei formal, aprovada pelo legislativo e sancionada pelo Executivo.

Providências fundamentadas no monetarismo são recebidas com reservas pelos congressistas. Alencar Furtado (PMDB-PR) volta-se contra o Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, dizendo não encontrar diferenças entre o comportamento de Dornelles e o de Delfim.

O Deputado paulista Aírton Soares (a caminho do PMDB), é mais explícito ao dizer que as mensagens do Ministro Dornelles “não estão chegando ao Congresso com a isenção dos projetos da Nova República”.

Na marola que Dornelles causou ao enviar ao Congresso, para decisão, medidas que formulam toda uma política econômica a curto prazo, há ondas de insatisfação contra a “ciranda financeira”. Do topo dessas ondas, o Deputado Agenor Maria (PMDB-RN) atira farpas contra “a aventura financeira que privilegia a quem não trabalha e penaliza quem trabalha”.

Ele se queixa que os rendimentos financeiros superem, “em muito”, qualquer iniciativa empresarial e exemplifica com uma recente viagem a seu Estado, onde, no sertão, viu “muito pasto e pouco rastro”. Segundo apurou, os pecuaristas haviam vendido duas vacas e cabras “para pôr o dinheiro na poupança, onde seca nem enchente causam prejuízo”.

Uma outra reação é a maré contrária ao aumento de impostos. O Deputado França Teixeira (PMDB-BA) considerou-se “insultado e agredido” com o assunto. Prático, ele alega que se subirem os impostos sobre os ganhos de capital, com elevação das alíquotas que incidem sobre os investimentos, “vai todo mundo para o mercado paralelo do dólar”. E alerta: “quem vai arcar com esse aumento de imposto é o pequeno investidor, que não pode ir para o verde”.